

Um maranhense que devia ser baiano

ANTONIO CARLOS
MAGALHÃES *

Os maranhenses que me perdoem, mas para falar de um homem como Odylo Costa, filho tenho que recorrer a uma expressão que os baianos — que os baianos amam como ninguém a sua terra — gostam de repetir quando não querem dúvida sobre a admiração e o carinho que nutrem por alguém: Odylo era um “maranhense que deveria ter nascido na Bahia”. Posso até fazer uma concessão ao bairrismo baiano, já que sou testemunha de sua emoção quando se referia à sua terra natal, mas que pelo menos esta figura exemplar de homem tivesse dupla ou múltipla cidadania, para orgulho de outras terras, além daquela que lhe serviu de berço e fonte de inspiração.

O que se deve exaltar em Odylo Costa, filho: o jornalista que tinha os olhos no futuro, o político, o poeta sensível, o ensaísta, o cronista, o novelista fenomenal ou o homem de caráter, o cidadão, o amigo? Não, não há distinção a se fazer. Odylo era uma personalidade ímpar, irrepreensível, e de qualidades que o tornaram um paradigma de sua época nas atividades que exerceu. Impossível distinguir o intelectual, cujo valor foi reconhecido de imediato — e que até hoje é lido e admirado —, do cidadão que teve o respeito mesmo daqueles que dele divergiam.

Odylo era um homem movido pela paixão em tudo que fazia. Um homem terno, afável no trato, embora coerente e firme na defesa dos princípios em que acreditava. Muito amigo de Virgílio de Mello Franco e de Carlos Lacerda, em épocas diversas, e diferentemente desses, não levava para o confronto de idéias o calor e o arroubo. Mas nunca lhe faltou a energia serena que, como dizem, os santos possuem.

Singelo, dizia sempre ter apenas quatro frustrações na vida, “mas sem ressentimentos”: não saber dirigir automóvel; não saber andar de bicicleta; não fazer poesia concreta e não falar inglês — por “inibição física”, dizia, já que lia e traduzia o idioma. Modesto, aos elogios que lhe eram dirigidos, respondia com uma autodefinição que revela um homem feliz: “Sou apenas alguém que prometeu a si mesmo não ficar ressequido nem ressentido.”

Eu o conheci quando exerci o mandato de deputado federal em 1959, no Rio, e ele, ao lado de outros grandes jornalistas, pontificava na crônica política. Era uma outra época da vida parlamentar e

talvez, por isso mesmo, da atividade jornalística. O homem calmo, sereno, teve também momentos de profunda irritação, e de um deles fui testemunha. Foi quando um amigo, jornalista como ele, fez uma crítica desagradável a uma senhora amiga da família que já tinha passado por momentos graves, como os que vivera com a morte de seu filho. Como o amigo insistira na crítica, a sua reação foi de ira, exigindo imediata retração à impertinência.

Minha convivência com ele, embora não tenha sido longa, enche-me de orgulho. E até hoje me emocionano com seus personagens na viagem, pelo Rio Parnaíba. O que mais me impressionava nos contatos que mantinha com Odylo Costa, filho, era o seu amor pela poesia, onde buscou forças até para suportar a terrível dor que se abateu sobre sua família com a tragédia que foi o assassinato brutal de seu filho, Odylo Costa, neto, aos 18 anos de idade, Odylo teve muitos amigos, mas entre todos tenho que afirmar: ne-

nhum teve maior devoção por ele que seu conterrâneo José Sarney, de quem foi inclusive, suplente no Senado Federal.

Odylo foi, sem dúvida, um dos grandes poetas da história deste país. Alguns de seus poemas — já dizia seu fraterno amigo Manuel Bandeira, que, junto com Carlos Drum-

mond de Andrade e Ribeiro Couto, foi padrinho de seu casamento — estão entre os mais belos da literatura brasileira e o levaram, por justiça, a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Como jornalista, profissão que abraçou aos 17 anos e que jamais abandonou, foi um grande inovador. Mesmo literato já consagrado, membro da ABL, freqüentava as redações de revistas e jornais para conversar e orientar os profissionais mais jovens.

Já se passaram 15 anos que seu coração parou. Coração que não resistiu e que vinha dando provas de fraqueza desde o dia em que a tragédia que abalou Odylo e a sua Nazaré ocorreu em Santa Tereza. Só permaneceu forte nas demonstrações de carinho e afeto para com seus amigos, que hoje cultuam a sua memória e rendem pleitos de saudade no dia em que estaria fazendo 80 anos. Da saudade do jornalista, do poeta, do novelista, do cronista, mas, sobretudo, do homem Odylo Costa, filho.

**Odylo foi
jornalista
inovador e
um dos
maiores
poetas do
Brasil.**

* Senador eleito pelo PFL-BA, foi prefeito de Salvador, governador da Bahia e ministro das Comunicações do governo Sarney